

programas, implementar projetos e executar atividades direcionadas para a preservação bibliográfica, com atendimento prioritário para o acervo da Biblioteca Nacional". O trabalho aí feito e desenvolvido tornou-se padrão, em que pese o pessimismo doentio do Dr. William: "prestamos assistência e informação técnica a instituições culturais; emitimos pareceres; promovemos treinamento; desenvolvemos pesquisas em conformidade com a política de preservação". Duas unidades operacionais encabeçam esses processos: o Laboratório de Restauração e o Centro de Conservação e Encadernação. Ainda são fomentadas as rotinas de elaboração de pesquisas bibliográficas e/ou análise bibliológica das obras encaminhadas para restauração, a fim de que sejam preservadas as características históricas de produção dos documentos. Um longo e estafante trabalho de preservação segue também o seu curso, de acordo com o velho ditado que diz ser melhor e mais fácil prevenir do que remediar. O DCR desce a minúcias que muitas vezes espanta aos leigos. Por exemplo, quando um livro antigo tem de ser encadernado ou reencadernado, é feito, no Laboratório de Restauração, um estudo histórico do material usado na sua origem, por técnicos especializados, a fim de que a sua recuperação se processe da maneira a mais autêntica possível. Nada melhor como indicação do alto grau de competência e de eficiência da Biblioteca Nacional nesse particular, do que a criação do Planor (Plano Nacional de Restauração de Obras Raras), pela Portaria Ministerial nº 19, de 31 de outubro de 1983. Ao Planor, entre outras incumbências, compete "dar assistência técnica na instalação de laboratórios de restauração e promover programas de treinamento de pessoal"; "a harmonização de técnicas a serem seguidas na execução de projetos específicos de restauração"; "estabelecer padrões técnicos de serviço e de material a serem seguidos, e zelar pelo seu cumprimento em todo o território nacional".

A Dra. Beatriz Helena conclui: "depreende-se, portanto, que já detemos situação incomparavelmente melhor do que a visão apocalíptica do Dr. William Jackson, em 1946. Felizmente. Mas, ainda temos muito a caminhar. Dependemos principalmente de vontade política para dotar a DCR de estrutura condigna da magnitude do acervo da Biblioteca Nacional".